Uma visão das relações de poder professor-alunos através de um artefato de acompanhamento automático para sessões de bate-papos em Ambiente Virtual de Aprendizado

Ricardo Domingos Rodriguez¹, Mariano Pimentel²

¹Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Av Pasteur 458–22.290-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brazil

Resumo. *Este artigo trata de uma perspectiva das relações de poder em uma sala de aula virtual, onde um artefato tecnológico, criado para auxiliar o professor a identificar os alunos que não participam de uma aula de bate-papo (chat), em um Ambiente Virtual de Aprendizado, pode ser usado como empoderamento e onisciência para o professor e, ao mesmo tempo, como um instrumento de vigilância e punição para os alunos.*

Abstract. *This paper describes from a power relations perspective in a virtual classroom, where an artifact, created to help the teacher identify which students who do not participate in a chat, in a Virtual Environment Learning, can be used as teacher's empowerment and omniscience and, at same time, as an instrument of vigilance and punishment for student.*

1. Motivação

Em uma sala de aula presencial há alunos que participam, envolvendo-se na retórica do professor, e outros não. Os que participam procuram completar seus pensamentos através de citações, a fim de entender o tema proposto, outros, ainda, propõem questões expondo suas dúvidas, porém, há aqueles que não participam, por acreditar ser o assunto enfadonho, não se interessam, ou, ainda, procrastinam. Em todos os casos, o professor presencial é capaz, a medida que o tempo passa, de identificar cada um desses alunos. Em um AVA baseado em *chat* há algumas diferenças: O número de mensagens é incessante e não há como o professor identificar quem está participando ou não. O que pode ser visto na aula presencial é capaz de ser imperceptível no AVA. Como o professor pode identificar os alunos que participam “adequadamente” de sua aula? A partir dessa percepção é que realizei essa pesquisa com o grupo Comunicatec (Pimentel, 2006), além de contribuir com o entendimento do que seja o “poder” através de vigilância e punição em um AVA.

2. Questões de pesquisa

Para entender as relações de poder em um AVA nessa pesquisa, foi desenvolvido um artefato computacional que poderia auxiliar o professor em seu trabalho. Para tal, partimos do princípio que o artefato daria ao professor a onisciência. Ele receberia mensagens que lhe informariam que alunos estariam participando ou não da aula virtual. Por outro lado, os alunos receberiam, através do mesmo artefato, mensagens automáticas,

¹ricardo.rodriguez@uniriotec.br
²pimentel@uniriotec.br

convidando-os e incentivando-os a participar da conversa. Este contexto nos levou as seguintes questões de pesquisa: (1) O professor e/ou os alunos serão “empoderados” ou o artefato estará os descapacitando? (2) O que os alunos e o professor acham de um acompanhamento automático de suas participações em um AVA? (3) Como definir o que seria uma “participação adequada” nas perspectivas do professor e dos alunos? (4) Finalmente, o artefato desenvolvido será visto como um elemento colaborador ou um instrumento de vigilância e controle do AVA?

3. Metodologia aplicada e Análise dos resultados

Nessa pesquisa foi utilizada a epistemologia-metodologia Design Science Research (DSR) (Weringa, 2014) cujo cerne de pesquisa é o conhecimento através da ciência do design ou ciência do artefato, desenvolvido a partir da epistemologia da Ciência do Artificial (Simon, 1996). Como metodologia de análise da percepção do artefato, utilizamos o grupo focal formado pelo professor Pimentel, alunos de mestrado da Unirio e por mim. Assim, analisando o que foi discutido no grupo focal, tivemos como resposta: (1) o artefato permitiu ao professor ter total conhecimento das ações dos alunos, dando-lhe uma forma de poder disciplinar exercida verticalmente, que pode ser definida como poder pastoral (Foucault, 1999); (2) para o professor, o controle deveria passar para o artefato, a onisciência o levou a um estado de afastamento da aula. Por outro lado, os alunos eram induzidos a dizer alguma coisa, mesmo que suas opiniões ou comentários não tivessem relação alguma com o tema discutido. Na perspectiva do “sujeito foucaultiano” (Sampaio, 2011): o acompanhamento automático de bate-papo “punia” os alunos que deixavam de enviar mensagens, sem que eles percebessem; (3) o artefato incitou os alunos a participarem constantemente da conversa, pelos constantes avisos convidando-os para a aula; (4) apesar das mensagens demonstrarem um caráter positivo, o artefato agiu como um instrumento de vigilância e punição (Foucault, 1999) para os alunos. O artefato, também, mostrou-se eficaz quanto ao seu propósito, mas não foi eficiente para auxiliar o professor ao dar-lhe a onisciência sobre a inatividade de seus alunos. Em resumo, vimos que o professor sentiu-se sobrecarregado de mensagens, enquanto os alunos não se incomodaram com os avisos recebidos; o artefato mostrou-se “inconveniente” para o professor, na forma pela qual enviou as mensagens, porém, por outro lado, os alunos sugeriram alterações e melhorias no comportamento do artefato, com o objetivo de torná-lo mais controlador, pois o artefato, por diversas vezes, incitou os alunos a participarem da aula, apesar de ser um castigo.

4. Referencias.

- Foucault, M., 1999. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, 20th ed. Vozes, Petrópolis, RJ.
- Pimentel, M., 2006. *ComunicaTEC: Tecnologias de Comunicação para Educação e Colaboração*. Presented at the III Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação, SBSI, Curitiba, Paraná.
- Sampaio, S.S., 2011. *A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault*.
- Simon, H., 1996. *The Sciences of the Artificial*. MIT Press, Cambridge, MA.
- Weringa, R.J., 2014. *Design Science Methodology for Information Systems and Software Engineering*. Spring, London.